

Dornelles não saiu do improviso

O breve período da equipe de Francisco Dorneles à frente do Ministério da Fazenda, de março a agosto de 1985, foi marcado pela improvisação e falta de apoio político. Conforme relato do então secretário-geral adjunto, Carlos Von Doellinger, "não tínhamos um plano econômico em detalhes e fomos atropelados pelo dia-a-dia".

De acordo com o ex-assessor da Fazenda, quando a equipe finalmente percebeu que as suas idéias não estavam sendo aceitas pelo restante do Governo, decidiu fazer as malas e deixar o Planalto. "Saimos em agosto, graças a Deus", conta ele, com expressão de alívio.

Doellinger, ao relembrar aqueles tempos, dá mil voltas, mas sempre bate no mesmo ponto: "Nós queríamos fazer o ajuste na economia através de uma política fiscal que reduzisse despesas, sem aumento da carga tributária", diz. Só assim, argumenta o colaborador de Dornelles, o déficit público, problema principal, poderia ser sanado e a economia teria alguma folga para crescer. "Esse impasse não foi resolvido adequadamente na-

quela época e permanece até hoje", observa.

TUMOR

Durante o debate promovido pelo CFE, os debatedores não conseguiram em momento algum que Doellinger se desviasse de sua análise sobre a situação econômica no alvorecer da Nova República. Ele acha que aquele não era o momento para mudanças estruturais, do tipo redistribuição da renda. Isso porque, o País estava estrangulado pela falta de poupança interna e vivia os reflexos de um acordo com os bancos internacionais, do qual resultaram pouco aporte de recursos e muitos juros a pagar. Além disso, o setor público se via às voltas com um excesso de despesas, tanto com o pagamento de salários quanto com a liberação de subsídios.

Era preciso, então, eliminar estas distorções, equilibrar, na medida do possível as finanças, para ter como reivindicar mais empréstimos juntos aos organismos internacionais de crédito e dai poder pensar em crescimento e mais investimentos.

O que Dornelles e seus

assessores encontraram, entretanto, foi o descaso em relação à sua proposta por parte do restante do Governo, principalmente da Seplan, comandada por João Sayad. Os ministérios, em geral, queriam realizar gastos de maneira indiscriminada e a Seplan achava que se podia conviver com o déficit, já que o Estado tinha um papel de incentivador do crescimento econômico e precisava investir. Conforme Doellinger, a equipe da Seplan, no intuito de não discutir questões que a Fazenda considerava importantes, chegou muitas vezes a negar o fornecimento de dados de forma dissimulada, aos assessores de Dornelles.

No centro da questão estava um presidente Sarney já àquela época "dividido", conforme expressão utilizada por Doellinger. Com isto, o ajuste não foi feito e a Fazenda ficou somente com a política monetária como instrumento de política econômica. O aporte do lado monetário só foi eficaz por algum tempo, elevando muito os juros, em seguida. Estava fracassada a primeira tentativa (conservadora) de gestão econômica do Governo Sarney.